

OS DISCURSOS NO CONTRA NEERA: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA TEORIA DE JAMES SCOTT

THE DISCOURSES IN CONTRA NEERA: AN ANALYSIS THROUGH JAMES SCOTT'S THEORY

Ana Maria Lucia do Nascimento¹⁴

Artigo recebido em 09 de maio de 2022
Artigo aceito em 05 de junho de 2022

Resumo: Esse estudo deseja contribuir para esse debate analisando a vida de Neera, uma cortesã muito conhecida através do discurso de Apolodoro, acusada de usurpar o título de cidadã para seus filhos estrangeiros. Buscamos através da visão teórica de James Scott, perceber quais os discursos ocultos e públicos cercam a narrativa da obra e como eles são um reflexo do cotidiano feminino na sociedade ateniense.

Palavras-chave: Contra Neera. Discurso público e oculto. James Scott.

Abstract: This study aims to contribute to this debate by analyzing the life of Neera, a courtesan well known through Apollodorus' speech, accused of usurping the title of citizen for her foreign children. We seek, through James Scott's theoretical vision, to understand which hidden and public discourses surround the narrative of the work and how they are a reflection of the daily life of women in Athenian society.

Keywords: Against Neera. Public and occult discourse. James Scott.

O padrão de comportamento feminino grego

O que é ser uma *mélissa* na Grécia antiga? Quais os aspectos circundam esse grupo feminino? Como ele se mostra agindo em sociedade? Essas são algumas das perguntas que nos levam a entender essa classe tão “conhecida”, afinal, é sobre ela que desde o nosso

¹⁴ Mestranda em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Formada em História pela universidade de Pernambuco (UPE). Pesquisadora da FACEPE. ORCID:0000-0002-2933-6507.
Contato:anamarialuciadonascimento@gmail.com.

período escolar ouvimos tanto falar quando estudamos o feminino na sociedade grega.

A *mélissa*, ou mulher abelha, é um modelo comportamental criado posteriormente pelos estudiosos, para compreender a classe feminina aristocrata no período clássico. Sendo ela aquela que se casava ainda jovem permanecendo fiel ao seu único companheiro até o fim da vida, “vivia em silêncio no interior de sua casa, administrando os seus bens, educando os filhos; proferindo o culto doméstico, sendo especializada no fiar e no tecer” (LESSA, 2004, p.9).

Resumidamente, no que concerne as características físicas de sua representação, eram mulheres simples. Não há muitas menções de aspectos que demonstrem vaidade por parte da *mélissa*. Cabelos modestos, roupas modestas. Suas qualidades deveriam estar em ações, assim para Xenofonte as evidências que determinam esse grupo de mulheres estavam no: “seu dever será receber aquilo que adentra a casa; sua tarefa proporcionar os suprimentos diários, guardar e manter o orçamento de maneira que aquilo que deva durar” (XENOFONTE, VII, p.32).

Dessa forma, para cumprir com todos os requisitos que eram esperados delas a educação deveria ser específica. Por isso, desde jovem, no seio familiar, a *mélissa* era preparada, acima de tudo, para gerar cidadãos. Esse processo iniciava já nos primeiros procedimentos de ensino, ao entrar em contato com a ação de tecer, gerir, tomar atitudes de manutenção do *oĩkos*, administrar, educar os filhos, se relacionar com as divindades e os cultos essenciais para a harmonia da pólis. Assim, após ser iniciada pela própria família no que concerne às habilidades primordiais de uma *mélissa*, parte-se à escolha do noivo pelo pai, seguido pela cerimônia e consumação da união. Apolodoro, ao se referir ao grupo feminino das *mélissas*, afirma que “temos as esposas para que tenham filhos legítimos e mantenham a guarda fiel da

casa" (DEMÓSTENES, 2013, p. 128). Ser *mélissa* na pólis é gerar frutos, conceber cidadãos. Apenas as *mélassas* detinham esse status de conceber filhos cidadãos, com todos os direitos dentro da Grécia.

Essa é também uma atitude política, mesmo sem poder votar elas podiam transmitir seu nome a seus filhos. Certamente, comparado ao patronímico, o uso do matronímico (*mêtrothen*) é raro (SCHMITT PANTEL; CUCHET, 2015). Além disso, as bem-nascidas, por serem protegidas pela lei ateniense, eram submetidas às mesmas restrições de comportamento que os homens cidadãos, restrições de adequação de sua pessoa com as regras de atribuição das funções cívicas. Ou seja, às *mélassas* cabiam os *timais* - os privilégios por estarem nessa classe social - e por isso, na medida em que elas respeitavam as regras, dispunham de todos os direitos. Assim sendo, as ofensas que elas cometiam ou sofriam, como as honras que elas recebiam, recaiam não somente sobre elas, mas também sobre sua casa como um todo e, particularmente, sobre seu chefe (MARCHIANDI, 2016, p. 66-70).

Enquanto membros legítimos do *oïkos*, as *mélassas* jamais eram tratadas como estrangeiras, e menos ainda como escravas. Vale ressaltar que quando julgadas, elas eram levadas ao areópago, lugar onde os cidadãos homens eram julgados. Porém, mesmo que houvesse a necessidade de um *kúrios* para representar essas mulheres na corte, não há evidências de que houvesse proibição delas nesse espaço masculino. Que as mulheres eram responsáveis por seus atos perante a justiça, o processo movido por Teomnesto e Apolodoro contra Neera no fim dos anos 340 nos mostra (RODRIGUES, 2018, p.90).

Porém, nesse caso em específico, não estamos falando de um processo contra uma *mélissa*, mas sim, contra uma cortesã. Diferente das *mélassas* que, desde muito cedo, eram instruídas a se preservarem no gineceu, as cortesãs eram uma das categorias femininas livre em

Atenas (LEGRAS, 1998, p.78). Por serem, muitas vezes, viúvas ou sem recursos, elas viviam da generosidade dos homens de quem eram acompanhantes. Nesse sentido, as acompanhantes não eram necessariamente alugadas para o sexo, muitas, como a própria Aspásia, eram conhecidas pelo intelecto durante os banquetes festivos.

Um outro exemplo é o de Neera, uma cortesã da classe alta, e por isso de gostos caros, sustentada por homens conhecidos e ricos. Estava habituada a viver em ambientes luxuosos e a usufruir de presentes, viagens, festas, afetos e atenções dos seus amantes abastado. Para chamar a atenção desses homens da elite a hetaira desenvolvia traços de erudição, além da leitura e da escrita, usavam a beleza e a graciosidade para atrair o sucesso. Outro ponto a ser ressaltado sobre elas diz respeito ao contraste que faziam no mundo feminino, entre as que viviam no interior do *oïkos* e as que não viviam (CURADO, 2004, p.22-27). As cortesãs se ausentavam com facilidade de casa, mas eram também, alvo de uma certa subjugação do sistema masculino, afinal, eram usadas para atestar a virilidade do homem diante da sociedade (MOSSÉ, 1999, p.104).

Como citada em oposição ao grupo das méliissas, a classe de cortesãs tem na figura de Neera, uma representação pungente e polêmica. Sua história se encontra narrada no *Discurso contra Neera* de Apolodoro. Nele, de modo geral, Teomnesto acusa Estéfano de possuir uma estrangeira e cortesã em sua casa e criminosamente tramar uma falsa cidadania para ela e seus filhos. Porém, por mais que essa ação judicial tenha sido movida por vingança contra Estéfano, por conta de todos os prejuízos e calúnia que intentou contra Teomnesto e sua família, tanto Teomnesto quando seu cunhado Apolodoro, responsável pela acusação perante o tribunal, foca a cortesã e as peripécias que cercam sua vida. Dessa forma, assim que Teomnesto introduz diante da corte seu descontentamento pelas calúnias de Estéfano contra ele e

sua família, Apolodoro dá seguimento na acusação focando especificamente a mulher.

Logo assistimos uma enxurrada de apontamentos contra a cortesã. Eles discorrem sobre sua infância com a prostituição, sobre sua ambição e inteligência para trocar de dono, até sua tentativa de usurpar o direito de cidadania inserindo seu neto numa fratria e sua filha no sacerdócio feminino, que por lei pertencia às *mélissas*. Então, o que vemos de maneira implícita no discurso é a elevação das *mélissas*, e seu status na sociedade e a diminuição dos aspectos que formavam uma cortesã. Por isso, na retórica do discurso jurídico proferido contra Neera, há a presença de discursos públicos e ocultos, que pretendem levar os espectadores ao convencimento de que as leis atenienses foram quebradas e que é necessária uma punição, um controle sobre o corpo dessa mulher, seu afastamento da polis, pois um fruto podre contamina uma cesta com frutos bons. Assim, desejamos abarcar os conceitos de James Scott, acerca de discurso oculto e público, para entendermos a construção retórica da fonte.

O discurso oculto e o discurso público: uma simulação de subordinação

James Scott, nascido em 1936, é um famoso antropólogo e professor de ciências políticas. Em seu livro *A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos*, publicado em português em 2013, ele aborda os pressupostos de que as formas de aceitação dos dominados é uma simulação para ocultar a revolta em meio a uma situação humilhante. A ideia do livro surgiu a partir dos estudos das relações de classe numa aldeia malaia, onde percebeu não só que alguns testemunhos eram contraditórios, mas também que essas diferenças eram originadas dos pobres mais dependentes, em vista que os pobres mais independentes possuíam opiniões consistentes e mais livres. Além disso, em sua pesquisa o autor compreendeu que as contradições

tinham um caráter situacional, logo, na frente dos ricos os pobres falavam uma coisa, mas na ausência, em contato com pessoas de seu círculo social, falavam outra. Por consequência, Scott cria o método de triangulação. Nele os discursos são essenciais para notar as diferenças entre os grupos e as formas de resistência que cercam as relações sociais.

De fato, o método surgiu a partir da observação da aldeia malaia, porém, as formas de dominação possuem estruturas análogas entre si. Assim sendo, a sociedade escravocrata, a sociedade de castas, a sociedade patriarcal, por exemplo, são sistemas que possuem estruturas análogas de dominação e subordinação. Onde há não só a dominação, mas também formas de resistência que assumem vários disfarces, ele exemplifica alguns destes através de fontes literárias dos autores George Elliot e George Orwell. Assim, por meio de caças furtivas, incêndios e roubos, notamos um de seus conceitos basilares em ação, qual seja o de infrapolítica, isto é, não uma política inferior, mas uma luta discreta que os grupos subordinados exercem todos os dias (SCOTT, 2013, p.9).

Essas semelhanças também são expostas na apropriação do trabalho, dos bens de serviço da população subordinada. Por outro lado, esses grupos não possuem direitos políticos, não há mobilidade social, ademais, justificam a dominação por meio de teorias de inferioridade e superioridade. Por isso, o autor defende também que tanto as estruturas de subordinação, quanto de dominação, seguem um padrão. Onde é comum os subordinados criarem seus espaços, suas linguagens para expressar o desconforto diante da exploração. Eles criam a partir do sofrimento, da diferenciação, um discurso oculto que representa uma crítica aos dominadores. Assim, cabe-nos elucidar melhor os termos *discursos públicos* e *discursos ocultos* (SCOTT, 2013, p.10).

Discursos públicos são as relações *explícitas* entre os subordinados e os poderosos. Ou seja, é uma relação de mão dupla onde ambas as partes utilizam desses meios. Sendo um modelo que independe da opinião do subordinado. Afinal, diante de um superior, ele precisa ser cordial, respeitoso, submisso, dependente. E quando esse comportamento de servidão não convence um dominador, que desconfia da veracidade do discurso público de um subordinado, cria-se o estigma de que todos os subordinados são dissimulados. Podemos visualizar esse conceito numa relação entre um senhor de escravos e um escravo. Ambos ante a face do outro profere discursos públicos, mas com os seus semelhantes, se expressam de forma mais verdadeira. Porém, ao escravo não cabe se expressar de outra forma, é um modelo que independe de sua opinião (SCOTT, 2013, p.17).

Podemos observar esse vínculo unilateral, por exemplo, nas relações entre os *kyrios* das mulheres gregas. Na Atenas clássica, a palavra *kyrios* se referia ao chefe da família, que era responsável por sua esposa, filhos e quaisquer parentes solteiros do sexo feminino. Assim, quando uma mulher ateniense se casava, seu marido se tornava seu novo *kyrios*. Dessa forma, temos de um lado a mulher, a subordinada e o *kyrios*, o dominador. Dentro, por exemplo, de uma negociação de casamento entre os homens, o discurso público feminino deve estar no mesmo tom que o do seu representante legal. Não cabe a mulher intervir com palavras que firam o compromisso estabelecido pelo seu pai. O que não impedia, obviamente, que no gineceu – lugar do *oïkos* onde apenas as mulheres adentravam – ela esboçasse sua verdadeira opinião sobre seu casamento ou noivo.

Muitas vezes o discurso público é tão convincente que os dominados induzem os dominadores de que se uniram a causa, que apoiam o sistema de dominação, que se conformaram com a posição

humilhante em que se encontram, mas nos bastidores as coisas são bem diferentes. Isso acontece por exemplo na peça de Eurípedes, *Electra*. Após arquitetar com seu irmão Orestes a morte de sua mãe, em vingança, por conta de a mesma ter assassinado o marido Agamenon, *Electra* atrai a matrona para sua casa, e profere um discurso público diante de sua mãe em pedido de ajuda, em busca de alguém que lhe faça sacrifício após um parto falso. Mas os leitores que já haviam acompanhado a conversa de *Electra* com Orestes, sabe que o discurso oculto que combinaram era o matricídio.

ELECTRA: Seja! Urge recolher seu corpo em casa e dá-lo às trevas, servos! Quando vier, a mãe não o veja morto antes da degola!

ORESTES: Espera! Tratemos de outro assunto.

ELECTRA: Qual? Vês os reforços de Micenas?

ORESTES: Não, mas a genitora que me gerou.

ELECTRA: Ora, vai bem para o meio da rede e brilha pela viatura e pelas vestes.

ORESTES: O que faremos? Mataremos a mãe?

ELECTRA: Dó te toma ao vires o vulto da mãe?

ORESTES: Pheû! Como matar a que me criou e gerou?

ELECTRA: Tal como ela matou o teu e meu pai.

(EURÍPEDES, v. 959-970, 2018)

Essa é então a conversa que *Electra* tem com Orestes antes de Clitemnestra entrar em cena. Obviamente por estar em pleno acordo de vingança, fala abertamente e de modo a incitar no irmão, forças para finalizar o plano. Assim temos um exemplo acima de discurso oculto, agora cito mais uma passagem da peça onde *Electra* "encena", pedindo ajuda a sua mãe, se mostrando humilde e convencendo-a a adentrar em sua casa:

CLITEMNESTRA: Basta! Por que me chamaste, filha?

ELECTRA: Ouviste, creio, falar do meu parto. Sacrifica por mim, pois isso ignoro, na décima lua da criança, como sói, pois, sou inexperiente de filho antes!

CLITEMNESTRA: Isso é função da que fez o teu parto.

ELECTRA: A sós partejei e dei à luz a criança.

CLITEMNESTRA: A casa está tão isolada de amigos?

ELECTRA: Ninguém quer pobres por amigos.

CLITEMNESTRA: Tão sem banho e malvestida, tu, parturiente saída de recente parto? Mas irei, e dado o dia da criança,

sagrarei aos Deuses. Feita a graça, irei ao campo onde marido imola às Ninfas. Servos, levai este carro à cocheira, e quando vos parecer ter concluído sagração aos Deuses, vinde! Devo agradecer ainda o marido.

ELECTRA: Entra na pobre casa! Toma cuidado, não manche o manto

o fumoso teto! Farás a sagração que deves a Numes. Pronta está a cesta, aguçada a espada, que matou o touro, perto dele cairás golpeada, na casa de Hades noivarás com quem te uniste à luz. Eu te darei tal graça, e tu, a mim, a justiça do pai. (EURÍPEDES, v. 1123-1146, 2018)

No trecho em questão, a filha convence, por meio do discurso público, a mãe a entrar a casa para que assim lhe mate. Consuma sua vingança e confirma que muitas vezes o discurso público é tão convincente que os subordinados levam os dominadores a acreditarem que aceitaram a posição que lhe foi imposta.

Por outro lado, não se deve esquecer que as pessoas numa posição de poder, ou melhor, em um lugar de dominação, também usam “máscaras” diante dos dominados. Assim na presença deles utilizam o discurso público e quando estão com os seus fazem a aplicação dos discursos ocultos. Afinal, a posição de poder requer uma constante representação que respeite o posto em que foi colocado, dessa forma a dominação requer uma representação credível de controle. Para que não haja insubordinação. Podemos dar como exemplo para testar essa afirmação o próprio exemplo de um rei absolutista. Esse líder político precisa deixar claro que ele domina e que as outras estratificações da sociedade estão abaixo dele, ou seja, há uma demanda para exercer uma dominação credível, mesmo que para isso precise usar a violência como arma de controle, afinal “um rei tido como um deus deve atuar como um deus” (SCOTT, 2013, p.23-25).

De modo geral precisamos entender que todas as relações quando observadas apresentam uma ligação entre os discursos públicos e o oculto. Além disso, Scott (2013, p. 30) também nos mostra

que existem algumas características que compõem o discurso oculto, para ele existem três tópicos: 1) discurso oculto é sempre específico de um determinado espaço social, 2) este não é expresso apenas em palavras, mas também em ações, como citei anteriormente, através da caça furtiva por exemplo e 3) a fronteira entre o discurso público e o oculto é um terreno de luta constante entre dominadores e dominados. Vale ressaltar que os grupos subordinados se apropriam de meios de resistência discretos tendo formas indiretas de expressão, esse seria então um dos conceitos trabalhados por Scott. Dessa forma, como sucede na maior parte das grandes estruturas de dominação, o grupo subordinado tem uma existência social muito considerável fora da cena pública, o que em princípio lhe dar a oportunidade de desenvolver uma crítica partilhada de poder (SCOTT, 2013, p.52).

Muitas vezes essa crítica desenvolvida contra o poder ou até mesmo a resistência discreta se transmuta em outro conceito trabalhado pelo autor, qual seja o de deferência, que nada mais é do que a forma de interação social que ocorre em situações que envolvem o exercício de autoridade tradicional. Assim, esses atos de deferência são dirigidos a quem detém o poder, e é visto muitas vezes como uma atitude de bajulação, que pode ser manifestada tanto por medo de repressão ou por uma tentativa de convencimento, como podemos observar no trecho destacado acima da peça de Eurípides.

Por fim, podemos encontrar o discurso oculto quando a fala do sujeito na ausência do detentor de poder, ou seja, fora da cena principal, demonstra uma liberdade discursiva maior. Por outro lado, ressalta-se o fato de que as relações de poder estão sempre presentes sendo demonstrados até mesmo entre familiares e amigos, carregando assim um discurso oculto igualmente tirânico de acordo com o autor. Dessa forma, é muito importante que se atue de maneira convincente e

para que isso ocorra é necessário controlar o sentimento que pode prejudicar a representação, que deve ser espontânea, um verdadeiro ato de submissão.

Mas para os detentores de poder, no processo de representação há sempre a oportunidade de ser mais negligente no trato com os subordinados afinal eles estão em um patamar superior. Durante o transcorrer desse trabalho, principalmente no segundo tópico, abordamos de forma mais específica o que é o discurso oculto e público de acordo com a teoria criada por James Scott. Agora cabe-nos assimilar como essa discussão de formas de resistência pode ser encontrado em um caso específico, no discurso contra Neera de Apolodoro.

Os discursos presentes no Contra Neera

O discurso contra Neera comumente atribuído à Apolodoro integra o corpo dos textos de Demóstenes, apresentando de forma vívida a vida cotidiana do século IV a.C. da cidade de Atenas. A obra em si nos permite observar a vida privada de uma cortesã e os esforços para viver numa sociedade regida por regras e limites difíceis de transpor, principalmente para as mulheres. Afinal temos noção de que esse grupo em específico sofria constantes limitações, algumas por conta de sua natureza, outras por conta de sua falta de “capacidade”, mas em geral, a cidade de Atenas dos séculos V e IV a.C. permitia sim comportamentos extrovertidos, porém, por outro lado, mantinha um corpo legal vigilante no zelo pelo bem-estar do homem e da mulher e mais ainda pela harmonia que deveria ter na pólis. Assim, a história de Neera, sua família e Estéfano atraem diversas críticas quanto ao seu modo de vida, os seus comportamentos, suas companhias e a falta de pudor nas suas atitudes corriqueiras.

De fato, a personagem principal desse discurso é uma figura feminina, Neera. Mas ela não figurava entre os grupos de mulheres legítimas que foi discutido no começo desse trabalho, pelo contrário formava um grupo diferente. A mulher legítima, a mãe, a mélixa, é importante para mostrar a vida social e pública dos homens, e mais ainda para mostrar qual era o ideal de mulher que eles valorizavam, exaltavam. Entretanto para o bem-estar do mesmo as mulheres desempenharam outros papéis ou funções, que contribuíram indiretamente para aparecimento de outros grupos femininos. Podemos elencar por exemplo além das melissas, as pallake, as hetairas, e as porné.

As pallake, segundo Curado (2004, p.352) eram as amantes ou concubinas mantidas numa relação por vezes duradoura, possuíam um valor e um estatuto intermediário entre a hetera e a esposa legítima. Em muitos casos essas mulheres viviam de forma permanente com um homem casado com uma mélixa. No entanto, a maior semelhança entre a esposa legítima e a concubina se encontra nos filhos serem reconhecidos como legítimos. A definição mais simples é que a pallake ou concubina era uma mulher que vivia com um homem sem ser sua esposa, tendo essa relação mais uma característica de aceitação social do que legalidade no estatuto civil. Vale salientar que se uma hetaira coabitava com um homem por um longo período ela se tornava uma pallake, sem, contudo, deixar de ser hetaira (CURADO, 2004, p.18).

Por outro lado, segundo Curado (2004, p. 20) apesar de as leis de Atenas não condenarem nem defenderem o concubinato, a relação do homem com a sua pallake estava protegida pela lei. Um companheiro que surpreendesse um homem em flagrante delito a ter relações com a sua concubina podia matá-lo, como se fosse o amante da sua esposa legítima. Essa relação com as concubinas se manifesta mais como algo ligado a razões emocionais, ou prazer sexual, tendo em

vista que a esposa legítima era vista muitas vezes apenas como uma líder do oïkos e reprodutora de cidadãos. Acerca disso, as méliissas em raras ocasiões eram dadas como concubina, pois esse fato correspondia a abdicar do seu estatuto de cidadania, “ora a cidadania para uma mulher consistia na possibilidade de ser dada em casamento legal. No direito de dar à luz cidadãos e ainda de participar na vida da comunidade como representante de um oïkos ateniense.

As hetairas ou cortesãs, diferentemente das méliissas que desde muito cedo eram instruídas a se preservarem no gineceu, eram uma das categorias femininas livre em Atenas. Por serem, muitas vezes, viúvas ou sem recursos, elas viviam da generosidade dos homens de quem eram acompanhantes. Nesse sentido, as acompanhantes não eram necessariamente alugadas para o sexo, muitas, como a própria Aspásia, eram conhecidas pelo intelecto durante os banquetes festivos. Um outro exemplo é o de Neera que era uma cortesã da classe alta, e por isso de gostos caros, sustentada por homens conhecidos e ricos. Estava habituada a viver em ambientes luxuosos e a usufruir de presentes, viagens, festas, afetos e atenções dos seus amantes abastado. Para chamar a atenção desses homens da elite a hetaira desenvolvia traços de erudição, além da leitura e da escrita, usavam a beleza e a graciosidade para atrair o sucesso. Outro ponto a ser ressaltado sobre elas diz respeito ao contraste que faziam no mundo feminino, entre as que viviam no interior do oïkos e as que não viviam. As cortesãs se ausentavam com facilidade de casa, ao contrário do que acontecia com as méliissas. Sendo essas mulheres alvo de uma certa subjugação do sistema masculino, afinal, eram usadas para atestar a virilidade do homem diante da sociedade.

Já as porné formava um grupo de prostituição que eram encontradas em ruas, portos, bairros periféricos ou em lupanários. Ou seja, as hetairas correspondiam a prostitutas de nível social elevado. Por

outro lado, as porné eram classe social pobre, elas poderiam ser escravas ou estrangeiras que se estabeleciam em bordéis nos quais forneciam um serviço barato. De acordo com Curado, em Atenas, as porné eram numerosas no bairro do Ceramico e no Pireu. De acordo com Santos (2018, p. 37-38) o que podemos perceber acerca desses dois grupos é a relação de poder que o homem, ao frequentar o lar delas transmitiam para a sociedade. Isso justamente pelo fato da mélixa não ser a responsável pelo prazer e o amor e ter esse laço com uma mulher “pública” formava a virilidade masculina entre os gregos.

Dos grupos sociais femininos da Grécia Antiga, Neera pertencia ao das cortesãs. Na fonte em específico, um discurso de índole judicial, quando avaliamos as informações notamos que o principal objetivo é de denegri a vida de uma mulher, mas afinal sobre o que fala o texto?

A primeira motivação desse discurso é de ordem familiar. O que Teomnesto nos apresenta é uma causa movida por vingança, afinal, Estéfano havia anteriormente o acusado falsamente, e por conta disso ele perdeu alguns direitos civis e correu risco de ser expulso de Atenas, trazendo assim vergonha sobre a sua família, principalmente, sobre as mulheres que ainda viriam a ser introduzidas na sociedade. Logo, os acusadores (Teomnesto e Apolodoro) foram outrora vítimas do atual acusado (Estéfano). No fim das contas onde Neera entra? Bom, para atingir Stefano a acusação será dirigida a mulher que vivia com ele. E assim do começo ao fim do discurso, o foco não é mais a vida de Estéfano, mas a rotina de Neera, desde que foi comprada ainda bem nova por uma senhora.

Essa senhora chamada Nicareta comprou, juntamente com Neera, algumas escravas e levou para Atenas, com o intuito de fazer com que elas se passassem por atenienses e comercializassem seus corpos aos homens de Atenas (MAZEL, 1988, p. 100). Nesse processo de prostituição vemos o crescimento da personagem e seu cotidiano de

estudos em diversas artes para futuramente atrair mais clientes. Em meio a tudo isso, ainda bem jovem ela é vendida como cortesã, depois fugindo do antigo dono encontra um outro senhor que lhe dá abrigo e por fim se relaciona com Estéfano, criando com ele um laço que a mesma usa para comprar sua liberdade dos senhores que ainda a tinham como propriedade. Consegue então sua liberdade e vem, juntamente com seus filhos, para Atenas viver com Estéfano. Porém, a acusação se concentra justamente no fato de que Estéfano, com a sua lábia, tentou convencer os atenienses de que os filhos de Neera eram dele, dessa forma, seriam declarados cidadãos. Não contente com isso, ele arquiteta um plano para que a filha de Neera, chamada Fano, case com um grande líder político. O casamento acontece e Fano, por ser esposa dele, dirige o culto religioso feminino, pertencente até então apenas às mulheres atenienses legítimas. Além disso, gera um filho e tenta inseri-lo dentro da fratria do seu esposo, lugar apenas de cidadãos. Dessa forma, todas essas ações é para Apolodoro uma grande ofensa contra os deuses e contra as leis atenienses e por isso eles deveriam ser punidos.

Sabe-se que Neera está presente no tribunal e ouve tudo em silêncio, afinal o discurso em nenhum momento insere a voz dessa personagem ou sua defesa. Por outro lado, seu silêncio pode ser lido pelos leitores do discurso como uma prova de culpa, porém não podemos esquecer que as mulheres atenienses ao estarem presentes no tribunal judicial poderiam “falar” apenas através de um homem, esse seria Estéfano, seu representante legal, mas também não há referência alguma de fala por parte dele. Diante da questão contextual da história nos indagamos onde podemos perceber os discursos ocultos e públicos presentes nessa fonte

Para Scott (2013, p.49) as formas de dominação possuem algumas estruturas análogas que podem ser usadas para entender o contexto

da fonte atual. Dessa forma ele elenca três aspectos: a) *há a apropriação do trabalho, bens e serviços do grupo subordinado*: no contexto em questão o grupo subordinado é o feminino, isso é visto não somente pela falta de direitos políticos, como também pelo seu status social ser determinado pelo nascimento. No caso de Neera, por exemplo, percebemos como ao ser comprada por uma proxeneta, passa a não deter mais poder sobre suas ações, sua vida está determinada, servirá como cortesã. Seu trabalho é prover dinheiro a sua dona, e mesmo quando é vendida para Lísias, sua força de trabalho é apropriada pelo novo dono.

Além disso, b) *Não têm direitos políticos, não há mobilidade social*: no contexto em que está inserida, para Neera não é, em princípio, ou mesmo na prática, possível a mobilidade social. Assim, a ideologia masculina, justifica essa dominação em presunções de inferioridade e superioridade, que encontram expressão nos mitos ou ações femininas que regulam essa dinâmica de controle. Percebemos que quando Neera tenta angariar para seus filhos o estatuto de cidadania, ou mesmo o título para si, através de um casamento com Estéfano, de todas as formas as leis impedem. Em sua condição de mulher cortesã, não cabe a ela mudar esse status, lhe foi dado e será levado até seu túmulo.

Soma-se a isso, por fim, que havia a c) *justificativa da subordinação pelo discurso de inferioridade e superioridade*: diferenciadamente do cidadão, a mulher aparece nos textos marcada pela ausência do *logos* – palavra - o que a impossibilitava de participar da vida pública. Dessa forma, a subordinação da mulher ao homem pode ser verificada, inclusive, no domínio da palavra, onde as vozes das mulheres, desprovidas de *lógos*, pareciam sempre dissonantes como gritos agudos ou lamentos. (LESSA, 2004, p. 74). Essa subordinação feminina ao masculino é debatida também no livro *Carne E Pedra* de

Richard Sennett. Nele notamos que os gregos usavam a ciência do calor corporal para ditar regras de dominação e subordinação. Assim, os homens e somente eles tinham uma *phýsis* adequada ao debate e a argumentação (SENNET, 1997, p. 32). Ou seja, o corpo feminino seria definido a partir do contraste com o corpo masculino e com suas ações, logo, a mulher era fria o homem quente, a mulher frágil o homem forte, a mulher inferior o homem superior.

Além disso, é interessante observar como é comum aos subordinados criarem espaços ou linguagens para expressar entre os seus, principalmente, essa resistência. Assim eles formulam, a partir desse sofrimento, um *discurso oculto* que representa uma crítica aos dominadores. Sendo essa forma de resistência expressa também através de ações, e é isso que observamos no discurso contra Neera. Dessa forma, quando Apolodoro rememora a vida dela antes da ação movida perante o tribunal percebemos que as acusações citadas por ele são atitudes de resistência. Ou seja, para ela e para os seus filhos, como não havia mobilidade social, cabia apenas viver uma situação de penúria onde seria necessário vender o corpo para sustentar os filhos e a eles não caberia um bom casamento ou futuro civil. Mas então, nesse processo de subordinação, ela não aceita essa predeterminação, e é justamente por isso que intenta por diversas vezes burlar as leis atenienses em busca de um futuro para sua filha ou de uma inserção do seu filho no corpo civil. Por conseguinte, assim como a subordinação existe, existe também as formas de resistência que são moldadas a partir da prática dessa mulher. De sorte que isso faz dela alvo de Apolodoro no tribunal, por resistir, por não se conformar com o que socialmente estava descrito para ser o futuro dela. Por isso, por mais que Neera não possua uma fala ativa na fonte, suas atitudes mesmo que descritas com a intenção de incriminá-la, nos mostra um discurso oculto expresso por ações. E essas ações contrariam publicamente os

fundamentos da dominação, sendo por isso um ameaça. Ademais Apolodoro algumas vezes faz menção de como essa atitude de Neera pode indignar e prejudicar outras mulheres: “E elas perguntarão: -“absolvemo-la”. Então, de hoje em diante, as mais castas das mulheres ficarão revoltadas convosco (DEMÓSTENES, v. 111, p. 123)”.

Desse modo o orador faz uso do discurso público para convencer as pessoas de que, além de influenciar negativamente as mulheres, essa atitude da personagem principal pode prejudicar as mesmas. Ele se refere à vivência privada, usando o discurso público, citando o que talvez possa ter sido uma rotina comum dentro dos lares, que é justamente compartilhar com a família, com as mulheres e com os filhos, o que tinha sido debatido no tribunal. Semelhantemente, através dessa conjectura, notamos que as mulheres, por mais afastadas que estivessem dos assuntos debatidos no tribunal, não estavam isentas de saber o conteúdo desses debates. E mais, Apolodoro usa essa figura para justamente criar no júri uma identificação, tanto de proteção das mulheres méliças, quanto de punição da infração. Por isso que ele fala “as vossas leis serão revogadas e, por outro, os hábitos das *heteras* serão soberanos para que realizem o que quiserem” (DEMÓSTENES, v.122, p.130). Logo, percebemos que a acusação contra Stefano se torna, na verdade, o uso do discurso público e da oratória dos dominadores para preservar o sistema de submissão feminina.

A retórica usada pelo orador do discurso tem como objetivo persuadir, levar o júri a crer na culpa de Estéfano e Neera. De acordo com Reboul (2004, p. 20), essa função persuasiva da retórica usada por Apolodoro pode ser de ordem racional ou de ordem afetiva. Através do uso racional, são usados meios de competência de razão, que são os argumentos. Que podem tanto se integrar no raciocínio silogístico, se dirigindo ao grande público, quanto se fundamentar no exemplo, o que

torna o debate mais próximo do tribunal, criando um sentimento de identificação. Quando Apolodoro traz ao tribunal algumas vítimas da enganação de Estéfano, ele está fazendo uso dessa competência racional, buscando através dos exemplos convencer o público. Por outro lado, os meios que dizem respeito à afetividade são, o *etos*, o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório, assim como o *patos*, as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido. Utilizando o *etos* ele chama atenção tanto do auditório quanto de nós leitores contando como sofreu na mão de Estéfano, criando assim uma aproximação contando sua história, e ao utilizar o *patos*, faz uso de nossas emoções, como por exemplo do medo da impunidade das leis, para ter apoio em sua acusação. Essa é uma das características do discurso público, usar maneiras, palavras e exemplos para demonstrar que é necessário convencer - nesse caso seria o júri - de que a dominação é para o bem de todos e quem sai impune de tão grande desonra é uma ameaça para o sistema.

Ademais, o orador para ser compreendido deve captar a força da retórica de sua oposição e seu ponto fraco. Apolodoro, sem dúvida, sabia que o ponto fraco de Neera, mediante a moral da época, era ser uma mulher fora dos padrões, e por isso, demonstra tantos juízos de valores sobre suas ações. Isso pode ser notado ao falar da noite em que Neera foi abusada por várias pessoas, inclusive pelos servos da casa. Ou na citação abaixo:

Mas essa mulher que se prostituiu publicamente em toda a Grécia, de forma tão vergonhosa e relaxada, que ultrajou a cidade e foi ímpia para com os deuses, vós a deixarei impune, ela que nem os ancestrais concederam o direito de cidadão nem o povo a tornou cidadão? (DEMÓSTENES, v. 108, p. 122)

Assim, a mulher que se prostitui publicamente, que traz desonra sobre os deuses, merece ser castigada mesmo que muitos homens a

apoiem. E esse é um ponto interessante na nossa discussão porque diversos homens são citados no discurso, homens que tiveram relações com ela, que desejaram comprá-la, que lhe defendia, lhe sustentava. Em outras palavras, existia um público grande de homens na pólis que defendiam as cortesãs, pois delas se beneficiavam.

De acordo com Scott (2013, p. 30) os dominadores normalmente usam máscaras, eles atuam, eles são contra certas atitudes, mas nos bastidores utilizam o discurso oculto de apoio. Em outras palavras, vários dos homens que foram citados por Apolodoro como testemunhas, foram também acompanhantes de Neera, portanto, compactuavam com a mesma. E o que faz esses homens nesse discurso em específico se voltarem contra ela é justamente a necessidade desse dominador representar de maneira credível o controle, não cabe de maneira alguma ao papel do dominador se voltar contra a pólis, ou o *genos*, em defesa de uma cortesã.

REFERÊNCIAS

- CUCHET, V. S. **Quais direitos políticos para as cidadãs da Atenas Clássica?** 2016, p. 143-158.
- CURADO, A.L. (2004), **A Mulher segundo os Oradores Áticos**. Coimbra
- DEMÓSTENES, **Contra Neera**. Trad. Glória Onelley, Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2013.
- EURÍPEDES, **Electras**. Trad. Trajano Vieira, Ateliê Editorial, 2º ed., 2018
- LEGRAS, B. **Éducation et Culture dans le Monde Grec: VIII-I siècle av. J.C.** Paris: SEDES, 1998.
- LESSA, F. S. **O feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- Marchiandi, D. and M. Mari (2016) **'I funerali per i caduti in guerra: La difficile armonia di pubblico e privato nell'Atene del V sec. a.C.'**, *MedAnt* 19: 177-202.

MAZEL, Jacques. **As metamorfoses de Eros: o amor na Grécia antiga.** Martins Fontes, 1988.

MOSSÉ, C. “**Épouses, Concubines et Courtisanes.**” In: Les Collections de l’Histoire. N° 5, 1999.

Pomeroy, Sarah B. (1994). **Goddesses, whores, wives and slaves : women in classical antiquity.** London: Pimlico. ISBN 9780712660549.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica.** São Paulo, Martins Fontes, 2004

RODRIGUES, Aline Saes. **Historiografia De Gênero E A Antiguidade: Mulheres Nos Tribunais Atenienses Do Século IV A.C.,** REHR, Dourados, MS, v. 12, n. 23, p. 84- 100 jan / jun. 2018.

SANTOS, J. M. **Eros no oikos: Relações de gênero e representações da espacialidade e da sexualidade feminina em Atenas do século V a.C.** Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SCHMITT PANTEL, P., SEBILLOTTE CUCHET, V. **Mères et politique dans les Histoires d’Hérodote et dans les Vies et les Moralia de Plutarque :** pistes de recherche. Cahiers Mondes Anciens, 6, 2015.

SCOTT, James. **A dominação e a arte de resistência: discursos ocultos.** Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

SENNETT, R. **Carne e Pedra.** Rio de Janeiro, Record, 1999

XENOFONTE. **The Economist.** Tradução de H. G. Dakyns. [S.l.]: [s.n.], 1998.